

Mal-estar docente: fatores de risco de adoecimento e sofrimento de professores em decorrência do trabalho

Teacher malaise: risk factors for illness and suffering of teachers as a result of work

Malestar docente: factores de riesgo de enfermedad y sufrimiento de los docentes como consecuencia del trabajo

Recebido: 08/09/2022 | Revisado: 25/09/2022 | Aceitado: 09/11/2022 | Publicado: 16/11/2022

Lenir Rodrigues Minghetti¹

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2875-267X>
Universidade do Extremo Sul Catarinense, Brasil
E-mail: lenir.minghettipsi@gmail.com

Nilzo Ivo Ladwig

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3031-0192>
Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Santa Catarina, Brasil
E-mail: ladwignilzo11@gmail.com

Lilia Kanan

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6412-0544>
Universidade do Planalto Catarinense, Brasil
E-mail: lilia.kanan@gmail.com

Juliano Bitencourt Campos

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0300-1303>
Universidade do Extremo Sul Catarinense, Brasil
Email: jbi@unes.net

Resumo

Este artigo tem como objetivo descrever os riscos de adoecimento e sofrimento de professores em decorrência do seu trabalho. Os objetivos específicos se resumem em expor o mal-estar docente e agravante à saúde mental dos professores; pontuar fatores de risco que corroboram com o adoecimento; apresentar os achados bibliográficos dos fatores que causam adoecimento de professores. Para atender os objetivos foi definido como metodologia realizar uma revisão narrativa, que tem como premissa gerar novos conhecimentos do objeto estudado. Para tender a narrativa foi feita uma descrição do problema utilizando-se de pesquisas publicadas em periódicos. Os resultados apontaram que o adoecimento é considerado um fenômeno social do mundo ocidental, desencadeado por diferentes fatores que podem estar relacionados aos fatores físicos, químicos, biológicos, mecânicos, incluindo condicionantes sociais, econômicos, tecnológicos e organizacionais, que juntos implicam fatores considerados Riscos Psicossociais.

Palavras-chave: Educação; Trabalho; Saúde; Professor.

Abstract

This article aims to describe the risks of illness and suffering of teachers as a result of their work. The specific objectives are summarized in exposing the teachers' malaise and aggravating the teachers' mental health; score risk factors that corroborate the illness; to present the bibliographic findings of the factors that cause teachers to become ill. To meet the objectives, a narrative review was defined as a methodology, whose premise is to generate new knowledge of the object studied. To tend to the narrative, a description of the problem was made using research published in journals. The results showed that illness is considered a social phenomenon in the western world, triggered by different factors that may be related to physical, chemical, biological, mechanical factors, including social, economic, technological and organizational conditions, which together imply factors considered Psychosocial Risks.

Keywords: Education; Job; Health; Teacher.

Resumen

Este artículo tiene como objetivo describir los riesgos de enfermedad y sufrimiento de los docentes como resultado de su trabajo. Los objetivos específicos se resumen en exponer el malestar de los docentes y agravar la salud mental de los docentes; puntuar los factores de riesgo que corroboran la enfermedad; presentar los hallazgos bibliográficos de los factores que provocan que los docentes se enfermen. Para cumplir con los objetivos se definió como metodología

¹ Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais, Universidade do Extremo Sul Catarinense, Brasil

una revisión narrativa, cuya premisa es generar nuevo conocimiento del objeto estudiado. Para tender a la narrativa, se realizó una descripción del problema a partir de investigaciones publicadas en revistas. Los resultados mostraron que la enfermedad es considerada un fenómeno social en el mundo occidental, desencadenada por diferentes factores que pueden estar relacionados con factores físicos, químicos, biológicos, mecánicos, incluyendo condiciones sociales, económicas, tecnológicas y organizacionales, que en su conjunto implican factores considerados como Riesgos Psicosociales.

Palabras clave: Educación; Trabajo; Salud; Maestro.

1. Introdução

O espaço de trabalho dos professores se concretiza pelo uso de inteligência, emoções, criatividade, linguagem, entre outros processos cognitivos que fazem parte da subjetividade, itens que corroboram com o trabalho imaterial. Disto resulta um trabalho que pode causar adoecimento, na dependência das condições organizacionais, psicológicas e ambientais. Souto et.al., (2018, p. 128) pontuam que o ambiente de trabalho pode causar prejuízos físicos e emocionais, temporários e permanentes. Complementam que o sofrimento relacionado ao trabalho pode prejudicar seriamente os trabalhadores, no que diz respeito a saúde física (por exemplo, lesões musculoesqueléticas, aumento da pressão arterial) e, estado mental (por exemplo, ansiedade, depressão, burnout), no que pode resultar em prejuízo funcional temporário ou permanente e, conseqüente perda de dias úteis de trabalho.

Um ambiente desfavorável ao qual os professores são submetidos pode ocasionar afastamentos, internação, demissões entre outros agravantes; quaisquer locais ou condições de trabalho inapropriadas, serão potencializadores para o “surgimento de ansiedade, depressão, estresse e outras doenças desencadeadas pelo ambiente de trabalho” (Silva et.al. 2016; p.180).

Sobre os riscos psicossociais decorrentes do trabalho de professores, Souto et al., (2018, p. 128) destacam questões de segurança e saúde no trabalho, e que nos últimos anos o reconhecimento vai além de riscos físicos, químicos e biológicos, um conjunto de geradores de estresse relacionados ao trabalho também deve ser considerado, conhecido como Riscos Psicossociais.

Interferimos na sociedade e por ela somos alterados e, com isso, adoecemos ou provocamos o nosso adoecimento; acrescenta-se a isso a carga emocional de responsabilidade social atribuída aos professores. Santos et.al., (2012, p. 05) expõem que o adoecimento se encontra relacionados à excessiva carga horária de trabalho; precarização do trabalho; a quantidade de alunos em sala de aula; ao salário recebido; violência psicológica; condições de infraestrutura; e, recursos disponíveis na escola entre outros fatores. Os autores destacam que o “(...) trabalho docente tem se revelado como uma atividade intensa e desgastante, com reflexos negativos sobre a saúde e a qualidade de vida dos professores”.

Dejours (1994) destaca que no campo psicológico, os agravantes ocorrem quando os profissionais não conseguem transformar seu trabalho em algo prazeroso e, as adequações às necessidades psíquicas e fisiológicas ficam comprometidas, gerando doenças psicossomáticas.

Os riscos psicossociais na profissão de professor, para Santos et. al. (2012), são originados por exigências ergonômicas, exigência vocal e/ou postural, quantidade de aulas lecionadas, salas inadequadas, trabalho repetitivo, ruído em sala de aula e mau relacionamento com os alunos, originando a presença de sintomas osteomusculares e, lesões por esforços repetitivos. Santos et. al. (2012), também pontuam que os riscos biológicos, como vírus, bactérias, parasitas, protozoários, fungos (...), que causam doenças biológicas provocadas por micro-organismos, podem estar presentes no ambiente escolar ou contraídos do ambiente externo.

Santos et.al, (2012) expõem que os problemas relacionados a saúde mental dos professores são: estresse, síndrome de *burnout*, ansiedade, depressão, insônia, que entre outros, são fatores causadores de mal estar, oriundos de seu trabalho e, outras doenças crônicas relacionados que se integram entre si e agravam outras como doenças cardíacas e circulatórias.

O adoecimento é considerado um fenômeno social do mundo ocidental, desencadeado por fatores como a

“desvalorização, exigências profissionais, a violência e, a indisciplina, entre outros fatores” os quais provocam o desgaste emocional e ferem a identidade profissional, a ponto de muitos professores questionarem a escolha da docência. “Desse modo, os docentes passam a manifestar sentimentos negativos e intensos como a angústia, a alienação, a ansiedade e a desmotivação” (Silva & Barros, 2013, p.7).

Santos et.al, (2012) expõem outros agravantes que interferem no desenvolvimento profissional, como: hábitos alimentares inadequados, tabagismo, consumo de bebidas alcoólicas, inatividade física, estilo de vida, excesso de peso e, pressão arterial elevada, a colaborarem para o agravamento da saúde. O professor necessita, muitas vezes, se atualizar constantemente, e os custos para tal recaem sobre si, sobre sua própria remuneração. São tratados de maneira diferenciada, perante a complexidade social atribuída ao cargo e, o estado do desgaste físico, psicológico é agravado pela extensa rotina escolar. No que se refere ao entendimento do trabalhador sem saúde, Nogueira e Marin (2011, p.25) destacam que “o homem, no sistema capitalista, iguala-se à mercadoria defeituosa, já que não pode ser colocada à venda em troca do salário, relação fundamental para a garantia de sua sobrevivência”.

Este artigo é um recorte do Projeto de Tese de Doutorado em Ciências Ambientais (UNESC-SC) tem como objetivo principal descrever risco de o adoecimento e sofrimento de professores em decorrência do trabalho. Os objetivos específicos são: expor o Mal-estar docente, agravantes a saúde mental dos professores; identificar Fatores de Risco no adoecimento de professores; apresentar os achados bibliográficos dos fatores de risco que causam adoecimento de professores.

2. Metodologia

Para responder ao objetivo desse artigo esta pesquisa se caracteriza como Revisão Narrativa de Literatura ou tradicional, de acordo com Batista e Kumada (2021) é um “procedimento metodológico mais aberto na coleta e análise de produções científicas; pode ser encontrado sob o rótulo da revisão narrativa e tradicional”. Webster e Watson (2002) expõem que ao realizar uma pesquisa de revisão é necessário definir os tópicos chave, autores, palavras, periódicos e fontes de dados preliminares.

Este estudo é de cunho explicativo e descritivo. As pesquisas explicativas descrevem as características de determinadas populações ou fenômenos. “Este tipo de pesquisa tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses” (Gerhardt & Silveira, 2009, p.35).

As pesquisas descritivas são utilizadas para identificar os fatores que determinam, ou que contribuem para a ocorrência dos fenômenos e, o estabelecimento de relações entre variáveis: “A pesquisa descritiva exige do investigador uma série de informações sobre o que deseja pesquisar. Esse tipo de estudo pretende descrever os fatos e fenômenos de determinada realidade” (Gerhardt & Silveira, 2009, p.35).

A abordagem do problema se caracteriza como pesquisa qualitativa, pois diferentes tipos de informações são coletadas e analisadas para que se entenda a dinâmica do fenômeno pesquisado (Adams et.al. 2020).

Para realizar este estudo foram acessadas as bases de dados de periódicos: Google Acadêmico, Research, Society and Development e SciELO – Scientific Electronic Library Online. Na pesquisa dos conteúdos das bases foram utilizadas como palavras de busca: “Mal-estar docente”; “Fatores de risco”; “Trabalho docente”; “adoecimento”. Os trabalhos encontrados foram selecionados considerando a análise do resumo e sua aderência ao problema da pesquisa.

3. Resultados e Discussão

O trabalho dos professores é compreendido como uma atividade repetitiva, composta de diversas tarefas e submetida a intenso ritmo de trabalho, interferindo no lazer e, propiciando o adoecimento. O sentido do trabalho depende também do sentido que o próprio trabalhador dá a ele, quando o realiza e, se não tem o que realizar, não tem o que avaliar, pois é motivo

de sofrimentos que levam ao adoecimento (Silva & Barros, 2013).

O trabalho de professores, se constitui uma profissão que pode levar ao adoecimento, em especial à saúde mental maior potencialidade de risco, como expõem Berlanda et.al (2019, p.02), que identificaram o ensino como uma das ocupações mais estressantes, com potencial para causar problemas de saúde. Na verdade, em comparação com outras profissões, os professores têm encontrado algumas os resultados mais baixos para saúde física e bem-estar psicológico.

Os principais diagnósticos psiquiátricos são: depressão, ansiedade, pânico e *Síndrome de Burnout*. Segundo a Organização Internacional do Trabalho, o trabalho dos professores é considerado uma profissão de risco, por apresentar uma maior probabilidade de adoecimento e afastamento (OIT, 1984). Corroborando com essa temática, no próximo item serão apresentados os riscos psicossociais, decorrentes do trabalho de professores, os quais podem levar ao adoecimento destes profissionais.

Ao professor, por desempenhar uma função de altíssima relevância à sociedade, é atribuída uma série de responsabilidades sobre o aluno, visando este se tornar um cidadão pleno e íntegro, por isso esse profissional da educação necessita de condições dignas de trabalho, a fim de enfrentar os riscos psicossociais ao qual está submetido. Carlotto e Câmara (2017, p.449) destacam que: “embora tenha um componente de produtividade controlada como outras profissões, suas atividades se diferenciam pelo caráter de auto-organização e, pela alta motivação intrínseca”.

[...] Além disso, o professor vem perdendo a autonomia sobre suas tarefas, quando é controlado nas suas atividades, quando trabalha sob forte pressão, com pouco reconhecimento, recompensas profissionais e possibilidades de promoção lentas e limitadas, tendo que atender este aumento de demanda com recursos materiais insuficientes e pouco apoio social (Carlotto & Câmara, 2017, p.449).

A quantidade e a gravidade do impacto dos fatores de riscos psicossociais, quando expostos por um longo período de tempo, podem conduzir ao adoecimento dos profissionais, resultando em comportamentos disfuncionais e comprometendo o desempenho, bem como a qualidade da atividade dos professores. Um dos resultados identificados como consequência é o pensamento em abandonar a profissão. O trabalho dos professores em condições não favoráveis faz com que: “gradualmente se desenvolva sentimentos de inadequação no desempenho de suas tarefas e, a incapacidade de lidar com os estressores, gerando sentimentos de exaustão emocional” (Carlotto & Câmara, 2017, p.449).

Devido à globalização e a revolução tecnológica são necessárias reformas educacionais que resultem em modificações hodiernas e profícuas, de forma significativa em sua estrutura, que resultem na valorização social da atividade do professor: “Houve um aumento de responsabilidades sem a oferta de suporte e condições laborais apropriadas a essas novas demandas, favorecendo o desgaste biopsíquico do educador” (Moreno et. al. 2016, p. 05).

O ambiente pode causar riscos psicossociais: existem questões sociais, econômicas, políticas, culturais, étnico-raciais, psicológicas e comportamentais, implicadas em gerar fatores de riscos para os professores. Importante destacar que “o ambiente nunca é exatamente o mesmo para duas pessoas, pois suas diferenças de constituição biopsicossocial fazem-nas sentir de maneira mais ou menos distinta a influência desse ambiente” (Fromm, 1970, p.60).

Gennari (2014, p. 03), em um estudo em Santa Catarina, encontrou 16 características que corroboram com o risco de adoecimento em professores:

1. O envolvimento emocional com os problemas dos alunos;
2. Uma jornada de trabalho extensa, que inclui o número de aulas, o tempo gasto na preparação das mesmas, bem como as horas dedicadas a atividades burocráticas;
3. O número elevado de alunos em cada turma;
4. A violência que cerca o bairro em que é localizada a escola; A obrigação de provar a própria competência diante dos constantes questionamentos;

5. A falta de capacitação específica e de condições apropriadas para o trabalho pedagógico com alunos portadores de necessidades especiais;
6. A presença de conteúdos curriculares no processo de formação do docente que são desvinculados da demanda real e, a necessidade de dominar temas que não constam da preparação profissional em condições de tempo, salário e jornada que dificultam esse acesso;
7. As situações de assédio moral promovidas pela direção da escola;
8. A sensação de estar sendo reduzido a uma máquina de dar aulas;
9. As ameaças e agressões dos alunos, com bens danificados ou furtados por eles;
10. A exigência de manter a disciplina em condições persistentemente adversas;
11. Ausência de capacitação específica para lidar com o trabalho diário em sala de aula. E, aqui vale lembrar que 70% dos cursos, seminários e treinamentos, promovidos pelos vários níveis de governo, não respondem a esta necessidade;
12. A presença de relações insatisfatórias entre professores e, a conseqüente falta de cooperação;
13. A pressão das famílias para que a escola cumpra as tarefas educativas que elas não realizaram;
14. A necessidade de se adaptar seguidamente às mudanças e aos imprevistos que ocorrem na escola;
15. A falta de recursos didáticos como elemento limitador das atividades com os alunos;
16. E, o fato de a docência ser uma profissão enaltecida pela mídia e os discursos oficiais, mas desvalorizada pelos baixos salários e as condições em que se realiza.

O trabalho sempre foi o pioneiro em articular a análise das relações humanas no desenvolvimento social, sempre sob a máxima de o *“dignificatus corporis labor est”*², como descrito na primeira Epístola a Timóteo 5.18: “O operário é digno do seu salário” (1-Tim 5, 17-18). Fato notório é que o trabalho não ocorre em sua plenitude, muito pelo contrário; o trabalho nem sempre edifica o homem, pois fatores de risco estão presentes e podem afetar a sua dignidade.

Apesar de o trabalho estar relacionado ao sentimento de tortura e sofrimento, ele é fundamental para a existência humana: “Os trabalhadores sentem estresse quando as exigências do seu trabalho são excessivas, superando a sua capacidade de lhes fazer face” (EU-OSHA, 2019, p.02). O sentido atribuído ao trabalho depende ainda do significado que o próprio trabalhador lhe dá ao realizá-lo e, se não tiver o que realizar não terá o que avaliar, quando então sofre e adocece.

3.1 Fatores de Risco no adoecimento de professores

Para Silva e Barros (2013, p.05), “o trabalho não é só um modo de ganhar a própria vida; é um *status* social ao qual se associam às vezes, uma roupa específica, um vocabulário particular”. Nem todas as pessoas ficam doentes por causa do trabalho. O adoecimento “deixa no corpo as marcas do sofrimento, que se manifestam nas mais variadas doenças classificadas como ocupacionais, além de atentar contra a saúde mental” (Heloani & Capitão, 2003, p.101).

Os agravantes na saúde do professor podem estar relacionados aos fatores de riscos que podem ser: físicos, químicos, biológicos, mecânicos, incluindo condicionantes sociais, econômicos, tecnológicos e organizacionais, que juntos implicam fatores considerados Riscos Psicossociais (Zaneli & Kanan, 2018).

Sobre o adoecimento mental de professores, Costa e Silva (2019, p.02), destacam que pesquisas realizadas em outros países, apontaram a incidência maior de doenças mentais entre professores, do que a verificada na média geral da população: “O sofrimento psíquico, além de gerar desilusão e desmotivação, também pode acabar por produzir complicações físicas [...] quando doentes, compromete a ação educativa, pois interfere diretamente na relação professor-aluno”.

A dialética entre prazer e adoecimento, decorrente do trabalho dos professores, “[...] remonta ao contexto histórico do desenvolvimento da profissão ao longo do tempo e, suas implicações para a valorização social da categoria” (Vilela et.al., 2011, p.2). Gennari (2014, p.03) relata que o estresse ao atingir níveis elevados reflete em sintomas físicos e os mais comuns relatados pelos docentes são:

² O trabalho dignifica o homem.

[...] problemas digestivos, enjôos, nervosismo e irritabilidade constantes, ímpetos de raiva, crises de choro, dor cervical e nos ombros, manchas de pele, fadiga, alterações do sono, pressão alta, palpitações, dores no peito, falta de ar, tremeleiras, tonturas, acompanhados de frequentes momentos de desânimo, ansiedade e angústia.

Os riscos a que os professores são submetidos, foi tema de estudo de Vilela et.al. (2011, p.2) onde relatam que a grandiosidade antes referida aos professores mudou e, a academia é hoje um lugar de risco para a saúde pela frequência das doenças: “Entre os males mais diagnosticados estão à gastrite, taquicardia, hipertensão, irritabilidade, insônia, depressão, síndrome do pânico, estresse e síndrome do esgotamento profissional”. Jardim et.al (2022) pontua o professor pode desenvolver problemas com a voz, osteomusculares (DORT) e principalmente problemas relacionados a saúde mental, como os problemas mentais comuns (PMC).

3.2 Pesquisas bibliográficas dos fatores que causam adoecimento de professores

Para Silva e Barros (2013, p.05), “o trabalho não é só um modo de ganhar a própria vida; é um *status* social ao qual se associam às vezes, uma roupa específica, um vocabulário particular”. Sobre o adoecimento de professores, o site da Agência Brasil (2015), apresenta dados de em uma pesquisa realizada pelo Conselho Nacional de Secretários de Estado da Administração (Consad) entre 2011 e 2012, onde o Distrito Federal liderou o índice, com 58% dos profissionais afastados por motivos de doença, pelo menos uma vez no ano. Em Santa Catarina foram 25% e, no Estado do Rio Grande do Sul, a educação aparece como a área com o terceiro maior índice de afastamento entre as secretarias do estado, 30%.

Desde a Revolução Industrial a exploração do trabalho assalariado e os efeitos sobre as condições de trabalho são temas de estudos. No livro O Capital, Karl Marx (1867) apresenta que as condições de trabalho dos trabalhadores ingleses na revolução industrial ocasionavam danos à saúde dos trabalhadores e nos dias atuais de acordo com Souza e Leite (2011, p.1106). “permanece como objetos de estudo de pesquisadores, preocupados em entender as condições de vida da classe trabalhadora”

[...] extensas jornadas; insalubridade dos locais de trabalho; alienação do trabalhador em relação ao produto e ao processo de seu trabalho; baixo salário provocado pela existência de um significativo exército industrial de reserva, que pressionava constantemente os salários para baixo, mantendo-os no nível da subsistência (Souza & Leite, 2011, p.1107).

Para a Confederação Nacional dos Trabalhadores da Educação (CNTE, 2012). O Trabalho Docente na Educação Básica no Brasil revela que:

[...] as principais causas de afastamento de docentes são processos inflamatórios das vias respiratórias (17,4%), depressão, ansiedade, nervosismo, síndrome do pânico (14,3%) e estresse (11,7%). Foram entrevistados 8,9 mil professores em Minas Gerais, no Espírito Santo, em Goiás, no Paraná, em Santa Catarina, no Rio Grande do Norte e Pará (Agência Brasil, 2015, p.01).

Costa e Silva (2019, p.12), ao fazerem pesquisas em plataformas científicas, sobre a saúde mental de professores que lecionam no Brasil, identificaram os seguintes resultados:

- a) **Grande incidência** de sintomas de doenças mentais entre esses profissionais;
- b) **Adoecimento psíquico** como fator que influencia negativamente na capacidade do professor em resolver conflitos;
- c) **Alta ocorrência de afastamentos** profissionais, resultantes de doenças mentais;
- d) **Pouca informação** dos agentes de saúde, responsáveis pelos afastamentos, sobre as doenças psiquiátricas mais comuns que acometem os que trabalham em escolas;
- e) **Presença de desmotivação** e insatisfação dos docentes quanto às condições de trabalho;
- f) **Escassez de estudos científicos** com o objetivo de averiguar os níveis de ansiedade e de depressão dos docentes. (g.n.).

Souza e Leite (2011) realizaram um estudo bibliográfico no Brasil em teses e dissertações produzidas entre 1997 e

2006, mapeando as principais formas de sofrimento no trabalho a que estão submetidos os docentes, descritos no quadro 1;

Quadro 1 - Fatores que causam adoecimento de professores.

AUTOR	Fatores que causam adoecimento de professores
Zacchi (2004);	Os baixos salários, as precárias condições de trabalho, especialmente no que concerne a temperatura, ruído e superlotação das salas, o cansaço físico pela longa jornada, a dupla jornada das professoras (doméstica e profissional), a falta de tempo para si, à angústia gerada pelas exigências sociais da atividade.
Carneiro (2001);	A complexidade das tarefas desenvolvidas e a falta de recursos materiais; os problemas sociofamiliares dos alunos; os ritmos de trabalho, a multiplicidade de tarefas diferenciadas e simultâneas, o uso elevado da voz, as posturas desconfortáveis, a pouca frequência de pausas, as cargas psíquicas acumuladas, a falta de valorização do trabalho realizado, o estado psicológico dos alunos, a burocratização e rotinização das atividades educativas, a prescrição do trabalho, as dificuldades nas relações com as famílias dos alunos (que tendem a encarar os profissionais como responsáveis pelo sucesso ou insucesso de seus filhos), a falta de diálogo com a administração; a violência na escola (brigas entre alunos, roubos, ameaças dos alunos, depredação do espaço), a necessidade de o professor fazer outras atividades como forma de aumentar a renda; o trajeto frequentemente longo entre casa e local de trabalho.
Oliveira (2001);	O trabalho em mais de uma escola, a necessidade de realização de parte do trabalho no universo doméstico (preparação de aulas, correção de provas), a dificuldade de participação em cursos de aperfeiçoamento.
Pereira (2000);	A expansão dos contratos de trabalho para horistas e as políticas educacionais autoritárias.
Noronha (2001);	A inserção do voluntariado e da participação comunitária na escola (provocando descentralização das decisões e atribuindo a escola, ao professor e a comunidade a responsabilidade pela educação básica), a inadequação do espaço físico, expressa nas carteiras baixas e no reduzido tamanho das salas.
Lima (2000);	A perda de autonomia e a divisão do trabalho, os movimentos repetitivos, o aumento das exigências cognitivas, mas condições das cantinas, a má higiene e limpeza escolar, a insegurança quanto à demissão.
Mascarello (2004);	A falta de água, as insuficiências de carteiras, o comprometimento da rede elétrica, além de ocorrências frequentes relacionadas a agressões, salários em atraso; falta de concursos públicos para provisão de cargos e o consequente crescimento da contratação temporária.
Suzin (2005);	O uso de horas extras (que deveriam ser destinadas a suprir licenças de outros professores) para preencher vagas reais, tendo em vista que o número de servidores nomeados é insuficiente para atender a demanda das escolas.
Vieira (2004);	A perda da identidade.
Amado (2000);	A ausência de mesas para o professor nas salas de aula
Panzieri (2004);	A necessidade de permanecer em pé durante toda a aula, escrever na lousa, corrigir caderno na carteira do aluno na posição em pé com inclinação do tronco, apagar a lousa, entregar livros, cadernos e outros materiais didáticos aos alunos ou leva-los para casa, retirar e carregar grandes quantidades de materiais do armário, passar atividades no mimeógrafo, segurar livro ou caderno em uma mão, enquanto escreve na lousa com a outra.
Santos (2004);	A imagem errônea da opinião pública sobre o professor e, a cooptação de professores pela administração.
Gasparini (2005);	As novas exigências de qualificação, como polivalência, qualificação técnica, participação criadora, mobilização da subjetividade, capacidade de diagnosticar e de decidir.
Neves (1999);	O sentimento de culpa por não dar conta satisfatoriamente de todas as atividades, a dificuldade de se estabelecerem espaços de intercâmbio de ideias, principalmente pela falta de tempo, a insuficiência de laços de cooperação, a falta de comunicação, a forma como vem sendo implantada a avaliação continuada (entendida como obrigação de aprovar alunos), a padronização do currículo e dos métodos de ensino, a falta de acompanhamento técnico.
Lima (2002);	A inclusão de alunos especiais e o assédio moral
Gomes (2002).	O fato de que estar na escola significa não apenas dar aulas, mas também atender pais e alunos, inclusive em horários de pausa e alimentação, os deslocamentos entre os locais de trabalho são também fonte de desgaste e esgotamento, dadas as condições de transporte da cidade.

Fonte: Souza e Leite (2011, p. 1111-1112). Adaptado pelos autores.

Os diferentes agravantes de riscos de adoecimento e sofrimento citados no Quadro 01 se agravam com as relações de poder que constroem os profissionais, colocando-os em condição de extrema vulnerabilidade: “Casos de adoecimento necessitam provar que o trabalho é causa da doença e, há ainda situações em que devem conviver com sequelas físicas e emocionais” (Nogueira & Marin, 2011).

Costa e Costa (2021, p.01) em um estudo de mapeamento sobre o adoecimento de docentes no portal da CAPES, identificaram que a profissão de professor vem sobrecarregada de muitas demandas ao longo de sua prática, “pois é uma das profissões que exige um planejamento prévio de suas atividades e a conquista diária da atenção de seu público, além da

capacitação profissional que deve ocorrer de forma paralela ao processo de ensino”.

Os profissionais da educação, historicamente, vêm sendo desvalorizado socialmente ao longo do tempo, apesar de suas inúmeras atividades educativas fundamentais para a instrução da sociedade, isto tem ocasionado uma série de implicações para este profissional, dentre elas o adoecimento. Acrescente-se ao adoecimento o fato do professor possuir dupla, tripla jornada de trabalho, e a vida profissional se mistura com a pessoal (Costa & Costa, 2021).

4. Considerações Finais

Ao final deste estudo é imperativo destacar o ganho de conhecimento proporcionado pela revisão bibliográfica. A escolha do tema deste artigo está relacionada à formação da pesquisadora em Psicologia, Sociologia; Filosofia e Biologia e, ao fato de atuar como professora na Secretaria Estadual de Educação do estado de Santa Catarina. Quando no decorrer de sua atividade em diferentes escolas, identificou empiricamente o descontentamento e, o adoecimento dos professores, em face do impacto de fatores de riscos biopsicossociais, com relatos de sofrimentos e angústias. Os professores, elementos fundamentais para a vida de todos, se constituem por isso de classe caracterizada diferentemente dos demais trabalhadores, posto venham perdendo prestígio e reconhecimento, e vêm seu local de trabalho cada vez menos gratificante.

O homem não é somente um animal racional e social, ele é um homem que produz, tem capacidade de criar, usar a imaginação e transformar tudo a sua volta. Fromm (1970) destaca que o homem incapaz de produzir está mentalmente inválido, hipnotizado, pode estar com os olhos abertos, andar, falar fazer diversas coisas: agir, porém sem prazer algum pelo que está criando. Apenas obedece aos gestores as regras prescritas e às ordens (Zanelli & Kanan, 2018).

O professor hipnotizado desenvolve sentimentos de incapacidade, de insatisfação, são indícios que “ser professor” é correr o risco de adoecer, nem sempre o trabalho edifica o homem, o trabalho pode causar adoecimento. Para Zanelli e Kanan (2018) quando as vivências de prazer no ambiente de trabalho são negativas, os gestores podem interferir com ações de prevenção a saúde do trabalhador, evitando o mal-estar docente.

Os novos desafios sociais, inerentes à profissão do professor requerem estratégias para protegê-los das principais situações doentes e fatores de riscos citados neste trabalho. E novos estudos devem ser realizados para auxiliar a identificação e controle dos riscos inerentes a profissão do professor. Os gestores, governantes, e toda a sociedade, podem colaborar com a diminuição das fontes de riscos, ao reconhecer seus agravantes à saúde do professor em sua profissão e, identificar os motivos que levam a se incapacitarem para o trabalho.

Referências

- ADAMS, F. W. et.al. (2020) A relevância da formação continuada na perspectiva da educação especial para professores de Ciências. *Research, Society and Development*, [S. l.], 9(8), e182985430, 2020. DOI: 10.33448/rsd-v9i8.5430.
- Berlanda, S; et.al. (2019). Psychosocial Risks and Violence Against Teachers. Is It Possible to Promote Well-Being at Work? *Res. Public Health*, 16, 4439; DOI:10.3390/ijerph16224439.
- Carlotto, M. S. & Câmara, S. G. (2017). Riscos psicossociais associados à síndrome de burnout em professores universitários. *Avances en Psicología Latinoamericana* / Bogotá (Colombia) / Vol. 35(3) / pp. 447-457. DOI: <http://dx.doi.org/10.12804/10.12804/>
- Costa, D. L. C. & Costa, A. da S. (2021). Mapeamento do termo adoecimento docente constantes no catálogo da CAPES. *Research, Society and Development*, 10(10), e373101018718, <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v10i10.18718>.
- Costa, R. F. & Silva, N. P. (2019). Níveis de ansiedade e depressão entre professores do Ensino Infantil e Fundamental. *Pro-Posições*. 30, e20160143. <https://doi.org/10.1590/1980-6248-2016-0143>.
- Dejours, C. (1994). *Psicodinâmica do trabalho: contribuições da escola dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento trabalho*. Atlas.
- Fromm, E. (1970) *Análise do Homem*. Zahar editores, 1970.
- Gennari, E. (2014) Quando ensinar é adoecer. *SINTE-SC sindicato dos trabalhadores em educação de Santa Catarina*. <https://sinte-sc.org.br/Artigo/1510/quando-ensinar-e-adoecer>.

- Gerhard, T. E. & Silveira, D. T. (2009). *Métodos de pesquisa*. Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. – Porto Alegre: Editora da UFRGS.
- Heloani, J. R. & Capitão, C. G. (2003). Saúde mental e psicologia do trabalho. *São Paulo em Perspectiva*, 17(2), 102-108. <https://dx.doi.org/10.1590/S010288392003000200011>.
- Jardim, R. et.al (2022). Condições de saúde de docentes universitários vinculados a uma instituição federal de ensino superior no interior do nordeste do Brasil. *Research, Society and Development*, v. 11, n. 10, e443111033142. DOI: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v11i10.33142>
- Marx, K. *O capital*. (19740). Centelha - Promoção do Livro, SARL, Coimbra, 1974.
- Moreno, et. al (2016); Prevalência de doenças ocupacionais em professores de uma instituição de ensino superior do Vale do Itajaí-SC. *Revista Brasileira de Tecnologias Sociais*, 3(1) 10.14210/rbts.v3.n1.p3-14.
- Nogueira, L. S. M. (2011). *O sofrimento negado: trabalho, saúde/doença, prazer e sofrimento dos trabalhadores do alumínio do Pará* – Brasil. Marin, Belém.
- OIT- (1984). *A condição dos professores: recomendação Internacional de 1966, um instrumento para a melhoria da condição dos professores*. Genebra: OIT/Unesco, 1984.
- Santos, M.N. et.al. (2017). Condições de saúde e trabalho de professores no ensino básico no Brasil: uma revisão. *EFDeportes, com Revista Digital*. Buenos Aires, N° 166.
- Silva, J. R. P. & Barros, C. A. (2013). *Saúde e Risco de Adoecimento no Trabalho: Uma pesquisa com professores de uma escola particular do ensino infantil ao ensino médio*. Universidade Católica de Brasília. Curso de Psicologia. Trabalho de Conclusão de Curso. Brasília- DF, 2013.
- Silva, L.A, et al. (2016) Riscos ocupacionais e adoecimentos entre professores da rede municipal de ensino. *Journal Health NPEPS*. 1(2):178-196.
- Souto, I. (2018). Sychosocial risk factors and distress in higher education teachers. *The european proceedings of social & behavioural sciences*. Published by Future Academy. <http://dx.doi.org/10.15405/epsbs.2018.11.14>
- Souza, A. N. & Leite, M. P. (2011). Condições de trabalho e suas repercussões na saúde dos professores da educação básica no Brasil. *Educação & Sociedade*, 32 (117),1105-1121. <https://dx.doi.org/10.1590/S0101-73302011000400012>.
- Vilela, E. F. et al. (2013). Vivências de prazer-sofrimento no trabalho do professor universitário: estudo de caso em uma instituição pública. *REAd*, Porto Alegre, ed. 75(2), 517- 540.
- Webster, J. & Watson, J. T. (2002) Analyzing the past to prepare for the future: writing a literature review. *MIS Quarterly & The Society for Information Management*, v.26, n.2, pp.13-23.
- Zanelli, J. C., & Kanan, L. A. (2018). *Fatores de risco e de proteção psicossocial: Organizações que emancipam ou que matam*. Florianópolis: Editora Uniplac.